

RESENHA

Vietnã: uma tragédia épica 1945-1975

Luiz Ernani Caminha Giorgis ^a

**HASTINGS, Max. *Vietnã: uma tragédia épica 1945-1975.*
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.**

A obra trata do conflito interno na Indochina Francesa entre 1945 e 1975, mais especificamente da Guerra do Vietnã, que se desenvolveu no período 1965-1975 entre o sul, apoiado pelos EUA, e as tropas norte-vietnamitas, apoiadas pela China e pela antiga URSS. Ou seja, de um lado os norte-americanos e sul-vietnamitas. Do outro lado, os norte-vietnamitas (República Democrática do Vietnã) e vietcongs, estes representados pelo chamado Governo Revolucionário Provisório. Os vietcongs eram constituídos por forças irregulares revolucionárias comunistas. O sul era denominado simplesmente República do Vietnã.

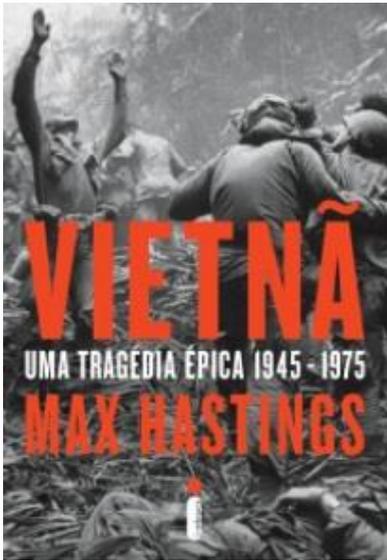
O insucesso da França na Guerra da Indochina (1946-1954) ficou caracterizado pela acachapante derrota na Batalha de Dien Bien Phu entre março e maio de 1954. E este revés havia causado a formação do Camboja, do Laos e do Vietnã. Este último se dividiu em Vietnã do Sul (com capital em Saigon) e do Norte (com capital em Hanói), separados pelo paralelo 17.

O autor aborda não somente as operações militares mas também os aspectos sociológicos da Guerra do Vietnã, cujas principais vítimas foram os civis Vietnamitas. Conclui destacando as consequências do conflito, que incluíram três milhões de mortes, sendo 58 mil nor-

a Coronel de Infantaria. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



te-americanos, e a devastação econômica, política, militar e psicossocial daquele país.



Nos 46 anos desde o fim da guerra até 2021, quando o livro ficou pronto, o autor Max Hastings revisou documentos diversos nos EUA e no Vietnã, ouviu os depoimentos de muitas pessoas dos dois lados que participaram direta ou indiretamente e visitou locais no Sudeste Asiático.

Cabe destacar que os EUA, derrotados, depois de gastarem 150 bilhões de dólares, deixaram o

Vietnã jogados à própria sorte após 10 anos de guerra, abrindo caminho para a vitória do norte comunista e a consequente comunização do país.

O livro está dividido em 28 capítulos, e estes são subdivididos em variável número de subcapítulos. Estão presentes as Notas, que são divididas pelos capítulos, a Bibliografia e o Índice Remissivo.

O início da obra aborda o processo histórico da presença francesa na Indochina e a saída da França da região, deixando toda a carga político-ideológica, econômica, psicossocial e militar para os EUA e para o governo sul-vietnamita.

Como destaca Barbara Tuchman¹, os protestos contra o domínio francês tiveram início bem cedo, logo após a II Guerra Mundial. Na verdade, o Vietnã conseguiu, ao longo do tempo, vencer diversos invasores, começando pela China. No século XX, franceses e japoneses tentaram dominar totalmente a região. E isso era motivo de orgulho nacional. E agora chegava a vez dos franceses. O povo queria os franceses fora do país e conquis-



tar a independência. O vetor de luta vislumbrado pelos Vietnamitas em relação aos gauleses tinha duas vertentes, uma ideológica – o comunismo, liderada por Ho Chi Min; e a forma de combate – a irregular, a guerrilha, valendo-se da sua cobertura vegetal e da hidrografia.

A chamada Primeira Guerra da Indochina começou no final de 1946. Ou seja, a França não conseguiu vencer o movimento ideológico de esquerda representado pelo chamado Vietminh² e sua guerrilha, inclusive empregando a Legião Estrangeira, que foi derrotada, apelando então para os EUA. Esta potência, alarmada pelo avanço comunista na região, que inclui o Laos e o Camboja, atendeu aos apelos franceses.

Inicialmente, os norte-americanos forneceram armamento e treinamento aos franceses e às tropas sul-Vietnamitas. No prosseguimento, com a saída da França, passaram a enviar “conselheiros militares” para atuação junto ao Exército Sul-vietnamita. O fluxo

de material bélico dos EUA para o Vietnã não foi interrompido.

Em seguida, o Congresso daquele país autorizou o envio de tropas sem “qualquer decisão bem delineada ou plano de missão”³, conforme Barbara Tuchman. Com a divisão do país em “sul” e “norte” pelo paralelo 17, ficou caracterizada a luta ideológica. E assim, no final da década de 1960, portanto, aconteceu o que ficou conhecido como a “escalada militar norte-americana no Vietnã”. Este foi o início da “tragédia épica”, usando as palavras do autor Max Hastings. Durante os dez anos seguintes os EUA chegaram a ter 500 mil homens em ação no país. O envolvimento direto norte-americano foi de oito anos.

Todas as forças armadas dos EUA participaram, mas o esforço maior foi das tropas terrestres, incluindo os Fuzileiros Navais, conhecidos como *Marines*. Mas, como exemplo, no ano de 1968 morreram 200 norte-americanos semanalmente, chegando à cifra de 14.000.



Os presidentes norte-americanos, começando com o general Dwight David Eisenhower, passando por John Fitzgerald Kennedy, Lyndon Barrymore Johnson, Richard Milhous Nixon e Gerald Rudolph Ford Jr, empenharam-se em manter os EUA no Vietnã mais preocupados com suas reeleições (exceto Lyndon Johnson) e em não abandonar o país aliado, o que equivaleria a reconhecer a derrota para os comunistas e herdar uma vergonha político-militar assombrosa. Entretanto, no final do processo, foi exatamente isso que aconteceu.

A Guerra do Vietnã foi o maior conflito bélico desde a II Guerra Mundial. Os EUA procuraram envolver outros países neste esforço bélico. Esta guerra, do lado dos democratas, contou com a participação, além dos franceses, de ingleses, australianos, neozelandeses e sul-coreanos. Até o Brasil foi convidado a enviar tropas, convite que foi declinado pelo Presidente general Arthur da Costa e Silva.

Do lado dos comunistas estiveram presentes, seja com o envio

de conselheiros e tropas seja pelo apoio material, a China e a URSS. O apoio material foi consubstanciado por armamento, munição, viaturas e diversos outros tipos de suprimentos, incluindo combustíveis.

Aspecto importante destacado pelo autor Max Hastings foi sobre o armamento individual. Assim, ele comenta sobre vantagens e desvantagens do fuzil russo AK-47, sobre o M-14, depois M-16 (EUA) e faz interessantes comparações. Da mesma forma, comenta sobre meios aéreos, como o caça russo MiG-15 e seus oponentes norte-americanos.

Indiretamente, este conflito foi limitado e não declarado entre as grandes potências EUA, China e URSS. Fato comprovado pelo não bombardeamento de Hanói pelos EUA e de Saigon pelo lado comunista, o que levaria a guerra a um patamar realmente perigoso em nível mundial. As relações diplomáticas entre os EUA, China e URSS durante todo o conflito permaneceram normais.



As principais lideranças civis e militares presentes no Vietnã durante o conflito foram as seguintes:

- do lado sul-vietnamita: Ngo Dinh Diem, Nguyen Khanh e Nguyen Van Thieu;

- dos EUA: William Westmoreland e Creighton Abrams; e

- do lado comunista (norte): Ho Chi Minh, Ton Duc Thang, Vo Nguyen Giap e Le Duc Tho.

Fato a ser destacado foram as Conferências de Paris para o fim da guerra. Estas conferências começaram em 1968, depois da Ofensiva do Tet, e se prolongaram até 1973. Os principais representantes foram, do lado dos EUA, Henry Alfred Kissinger, Conselheiro de Segurança Nacional, e do lado norte-vietnamita Le Duc Tho, membro do Politburo do Vietnã do Norte.

Depois de cinco anos de negociações, permeadas por diversas interrupções e adiamentos, aconteceram os Acordos de Paris e, com eles, o término da intervenção direta dos EUA no conflito.

Os dois “diplomatas” foram agraciados com o Prêmio Nobel da

Paz mas, o que ficou claro, foi a superioridade de Le Duc Tho sobre Kissinger nas negociações. Le Duc Tho se recusou a receber o Prêmio, alegando que a paz não foi completamente obtida.

O Congresso dos EUA havia passado a negar o apoio ao Vietnã do Sul, inviabilizando o prosseguimento do conflito. E fez isso pressionado pela opinião pública interna do país, cuja população, mormente os pais e parentes dos militares enviados para a guerra, não suportou mais receber os seus filhos mortos em uma guerra distante, cujos objetivos nunca ficou bem claro.

A leitura da obra deixa algumas constatações bem nítidas:

1) mesmo que o conflito fosse inserido no contexto da guerra fria, jamais os EUA deveriam ter atendido ao apelo francês; conforme Barbara Tuchman, o conselheiro da Casa Branca John Kenneth Galbraith e o próprio John Kennedy sabiam que “o Vietnã era um desastre em andamento”⁴; se sabiam, por que persistiram no erro?



2) jamais deveriam ter passado da simples presença de conselheiros para o emprego de tropas;

3) teria sido melhor armar e preparar o Exército sul-vietnamita e não participar diretamente das operações;

4) jamais o comunismo ameaçou a segurança norte-americana através da Indochina que, como diz Barbara Tuchman, foi uma “extrapolação que só poderia conduzir à insensatez”⁵;

5) o Congresso dos EUA jamais deveria ter autorizado a escalada militar; antes de iniciada a guerra os chefes norte-americanos chegaram à seguinte conclusão: “uma vez que as forças e o prestígio dos Estados Unidos sejam comprometidos, o desengajamento não será possível, exceto pela vitória”. Sábia conclusão, mas foi o que aconteceu – desengajaram vergonhosamente;

6) esta frase, de um oficial sul-vietnamita, expressa de maneira bem realista o que aconteceu no Vietnã: “Os comunistas não venceram. Os norte-americanos sim-

plesmente resolveram ir embora e deixar o Vietnã do Sul perder”;

7) ainda no início da década de 1960, o Secretário de Estado Robert Strange McNamara em uma reunião no Pentágono teria dito o seguinte: “Temos o poder de destruir qualquer sociedade deste nosso século XX”⁶. Essa arrogância lhe saiu caro porque ele foi um dos causadores da derrota norte-americana no sudeste asiático;

8) Max Hastings finaliza com uma pergunta e uma frase de um general norte-americano sobre o Vietnã: “Aquilo tudo foi sobre o que mesmo?” e “O que me incomoda é que não aprendemos muita coisa. Se tivéssemos aprendido, não teríamos invadido o Iraque”; o problema dos EUA era defender o refrão “Paz com Honra”;

9) os EUA foram lutar em um país pequeno, como costumam fazer, pensando em vencê-lo. Jamais se preocuparam com o espírito, com a tradição e com a resiliência Vietnamita. Deveriam ter saído na hora correta. Não saíram. Procuraram conduzir uma guerra convencional para vencer a força ini-



miga que conduziu os combates na forma de guerrilha. E foram vencidos, vergonhosamente. E o pior de tudo, ainda repetiram isso tudo no Iraque e no Afeganistão, de onde tiveram que sair também de maneira vergonhosa;

10) a historiografia costuma relatar um diálogo entre um general estadunidense e um norte-Vietnamita após a guerra. Diz o norte-americano: “nós vencemos quase todas as batalhas”, ao que responde o Vietnamita: “Isso não importa: nós ganhamos a guerra”. Ou seja, por parte dos estadunidenses: “Vencemos... mas perdemos”;

11) no futuro, os EUA em outros dois contextos bem diferentes invadiram o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003). No Afeganistão, os norte-americanos também foram derrotados, sendo a queda e a retirada de Cabul bem parecidas com o que aconteceu em Saigon em 1975;

12) os fatos parecem mostrar que os EUA só invadem países menores, que não possuem poder militar para resistir ao poderio norte-americano. Os exemplos são diversos, inclusive na América

Central. E, mesmo assim, pelo menos em duas ocasiões (Vietnã e Afeganistão), foram derrotados. No Vietnã, a derrota foi política, principalmente, mas não deixou, também, de ter sido uma derrota militar.

BIBLIOGRAFIA:

HASTINGS, Max. *Vietnã: Uma tragédia épica 1945-1975*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2008.

TUCHMAN, Barbara. *A marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

¹ TUCHMAN, Barbara. *A marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 242.

² Vietminh: Liga pela Independência do Vietnã, movimento revolucionário de libertação nacional. Foi criado por Ho Chí Minh em 1941 para obter a independência do Vietnã da França.

³ TUCHMAN, op.cit, p. 303.

⁴ Ibid., p. 308.

⁵ Ibid., p. 255.

⁶ Ibid., p. 290.